Artigo

SÉRGIO LUIZ BEZERRA TRINDADE, professor do IF-RN
(slbtrindade@yahoo.com.br)

Um operário no poder (V)

Não dá para descrever o papel de José Praxedes no movimento de 1935, nem sua atuação no governo que se seguiu ao sucesso temporário da revolução comunista, sem pontuar o que ocorria no Brasil e no Rio Grande do Norte naquele momento histórico.

Um conjunto de fatores permitiu a eclosão do movimento revolucionário de 1930. Quando o êxito da rebelião comandada por Getúlio Vargas tornou-se uma certeza, os militares depuseram o presidente Washington Luís e formaram um governo provisório. O presidente deposto foi para o exílio e, pouco depois, Vargas assumiu a chefia do governo, pondo fim ao que se convencionou chamar de República Velha.

Com a ascensão de Vargas teve início o processo de concentração de poderes e de centralização política e administrativa. O Congresso Nacional e as Assembléias Legislativas foram dissolvidas.

Os sinais davam indicações, mas ainda não estava claro qual o rumo que o governo pretendia seguir, visto que os integrantes da Aliança Liberal formavam uma composição extremamente heterogênea - um condomínio político que tinha dos "carcomidos" (velhos políticos oligarcas da República Velha) aos "tenentes" (grupo formado em sua maioria por jovens militares que pregavam o nacionalismo econômico e reformas políticas moralizadoras, e eram tradicionais adversários dos grupos oligárquicos).

Inicialmente os "tenentes" foram privilegiados por Vargas. Muitos ocuparam importantes cargos, inclusive de interventores. Isso ensejou um quadro de enfrentamento delicado entre eles e os grupos oligárquicos e/ou liberais. Mas, além desse confronto desgastante, os "tenentes" não tinham um programa definido. E essa indefinição era muito problemática, visto que eram eles que estavam em pleno exercício nas interventorias.

A posição dos "tenentes" abriu espaço que foi sabida e rapidamente ocupado pelos integralistas e pelos comunistas.

Como os integralistas surgiram? Como os comunistas aumentaram o seu poder de organização e de arregimentação?

Os "tenentes" chocaram-se contra os grupos oligárquicos que dominavam os estados. Em São Paulo a situação era delicada, visto que tanto a oligarquia cafeeira como a nascente burguesia industrial levantavam-se contra as medidas centralizadoras do governo Vargas. O pernambucano João Alberto, "tenente" de primeira hora, foi o primeiro de uma séria de interventores que ocuparam o palácio de governo paulista entre outubro de 1930 e julho de 1931. No meio do ano de 1932, a resistência paulista às medidas de Vargas resultaram num levante armado, a Revolução Constitucionalista de 1932. Como os paulistas não conquistaram o apoio de outros estados, foram derrotados pelas tropas governistas em menos de três meses.

A derrota das oligarquias de São Paulo abriu caminho para o surgimento e/ou fortalecimento de novos grupos, como a Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada por Plínio Salgado em outubro de 1932, e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), cujo presidente de honra era o líder comunista Luís Carlos Prestes, ex-liderança tenentista nos anos 1920.

É esse o contexto, com AIB e ANL em confronto aberto em busca do poder, que radicalizará as posições políticas e abrirá caminho para o prolongamento da permanência de Vargas a frente dos destinos nacionais. É nesse caldo político que o comunistas potiguares viverão os conflitos locais, com "tenentes" e "carcomidos" devorando-se em praça pública. Com os trabalhadores se organizando. Praxedes é uma peça da engrenagem do PCB.

UM JORNAL À FRENTE
HOJE
12 Anos
EDIÇÃO DA TARDE
www.jornaldehoje.com.br

indicam que
nelhor para
e Garibaldi'

STIFICA ALIANÇA COM DEMOCRATAS

O deputado estadual Walter Alves (PMDB) justificou na manhã de hoje a posição do senador Garibaldi Filho, seu pai, em defender uma aliança política com o DEM, partido liderado no Estado pelo senador José Agripino, nas eleições de 2010. Segundo Walter, pesquisas qualitativas e quantitativas para consumo interno do partido revelam que a melhor alternativa para Garibaldi Filho reeleger-se é ao lado da candidata à governadora Rosalba Ciarlini, do Democratas. "Esse é um dos motivos, além da afinidade que o senador tem com Rosalba", disse o deputado. Walter Alves esclarece que "seria mais cômodo para uma candidatura majoritária ficar ao lado da estrutura de poder. Entretanto, o senador do PMDB prefere ficar ao lado da senadora Rosalba Ciarlini". POLÍTICA 3

la sobre parecer

o Povo", no processelamento da diplo-
. Através de sua as-
confiante na Justiça, como sempre esteve desde o início do caso.
O processo movido pela coligação ad